

Saberes e práticas populares em saúde da comunidade tradicional Acauã, Rio Grande do Norte: plantas quilombolas e ecologia decolonial

Isabelle Maria Mendes de Araújo¹, Joyce Faustino da Silva², Higor Jordão Azevedo Peixoto³, Kenne Felipe Alves Vieira⁴, Maria de Fátima Barbosa da Silva⁵

Resumo

As trajetórias históricas dos quilombos colocaram em ação as primeiras utopias anticoloniais modernas, mostrando que por meio do cuidado dedicado à Mãe Terra é possível a criação de processos para a emancipação. A pesquisa-ação apresentada neste estudo objetivou realizar a sistematização de plantas quilombolas e de costumes de saúde a elas relacionados no território quilombola de Acauã, no Rio Grande do Norte, ressaltando a importância dos saberes tradicionais e ancestrais em diálogo com saberes científicos. Para tal, foram realizados encontros com mulheres e jovens quilombolas de Acauã, por meio de grupos focais, com a finalidade de levantar plantas e ervas medicinais de uso comunitário. Para a identificação das plantas, foi utilizado o aplicativo *PlantNet*, que permite reconhecer espécies de plantas por meio de fotos da flor, fruto ou folha. Os principais atores da sistematização das plantas medicinais populares foram jovens quilombolas, sementes para a construção de uma ecologia decolonial. Os resultados apresentam a catalogação de 22 plantas quilombolas presentes na comunidade de Acauã/RN, associando-as ao respectivo nome científico, sua utilidade terapêutica relatada e usos adicionais a partir da literatura científica. Destaca-se que o encontro de saberes e as práticas populares em saúde fortalecem a memória e a cultura quilombola.

Palavras-chave

Plantas medicinais. Território. Pesquisa-ação.

¹ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil; professora da Escola de Saúde e coordenadora do Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde na mesma instituição. E-mail: isabelle.mendes@ufrn.br.

² Graduanda em Gestão Hospitalar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: joyce.faustino.701@ufrn.edu.br

³ Graduando em Gestão Hospitalar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: higorbioufr@gmail.com.

⁴ Mestrando em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil; integra o elenco da Companhia Gaya Dança Contemporânea; produtor do Festival Festival Audiovisual do Vale do Açu (F.A.V.A) e da Residência Artística FRUIR. E-mail: kennevieiradanca@gmail.com.

⁵ Membro da Associação Quilombola de Acauã, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: fatimamariaq@gmail.com.

Popular health knowledge and practices in the traditional Acauã community, State of Rio Grande do Norte: quilombola plants and decolonial ecology

Isabelle Maria Mendes de Araújo⁶, Joyce Faustino da Silva⁷, Higor Jordão Azevedo Peixoto⁸, Kenne Felipe Alves Vieira⁹, Maria de Fátima Barbosa da Silva¹⁰

Abstract

The historical trajectories of quilombos put into action the first modern anti-colonial utopias, showing that through dedicated care for Mother Earth it is possible to create processes for emancipation. The action research presented in this study aimed to systematize quilombola plants and health customs related to them in the quilombola territory of Acauã, in Rio Grande do Norte, highlighting the importance of traditional and ancestral knowledge in dialogue with scientific knowledge. To this end, meetings were held with women and young quilombolas from Acauã, through focus groups, with the aim of raising medicinal plants and herbs for community use. To identify plants, the PlantNet app was used, which allows plant species to be recognized through photos of the flower, fruit or leaf. The main actors in the systematization of popular medicinal plants were young quilombolas girls, seeds for the construction of a decolonial ecology. The results present the cataloging of 22 quilombola plants present in the community of Acauã/RN, associating them with their respective scientific name, reported therapeutic utility and additional uses from scientific literature. It is noteworthy that the meeting of popular knowledge and practices in health strengthens quilombola memory and culture.

Keywords

Medicinal plants. Territory. Action research.

⁶ PhD in Public Health, Federal University of Rio Grande do Norte, State of Rio Grande do Norte, Brazil; professor at the School of Health and coordinator of the Technical Course in Health Records and Information at the same institution. E-mail: isabelle.mendes@ufrn.br.

⁷ Undergraduate in Hospital Management at the Federal University of Rio Grande do Norte, State of Rio Grande do Norte, Brazil. Email: joyce.faustino.701@ufrn.edu.br.

⁸ Undergraduate student in Hospital Management, Federal University of Rio Grande do Norte, State of Rio Grande do Norte, Brazil. E-mail: higorbioufr@gmail.com.

⁹ Master degree student in Performing Arts, Federal University of Rio Grande do Norte, State of Rio Grande do Norte, Brazil; member of the cast of the Gaya Contemporary Dance Company; producer of the Audiovisual Festival of Vale do Açu (F.A.V.A) and the FRUIR Artistic Residency. E-mail: kennevieveiradanca@gmail.com.

¹⁰ Member of the Quilombola Association of Acauã, State of Rio Grande do Norte, Brazil. E-mail: fatimamariaq@gmail.com.

Introdução

No contexto brasileiro, é observada a insurgência de lutas dos povos tradicionais e originários, a exemplo dos povos indígenas e das comunidades quilombolas. Acompanha-se esse movimento as (res)significações de subjetividade e identidade cultural, constituindo uma rede de informações complexas e zonas de sentidos que operam simultaneamente e transitam entre identificações e metamorfoses (Furtado; Pedroza; Alves, 2014), representando, assim, aspectos importantes na construção do Brasil, tanto cultural como socialmente.

As sequelas da lógica escravagista são ainda perceptíveis na atualidade: a pobreza, a violência e a discriminação que afetam pessoas negras figuram como reflexos diretos de um país que institucionalizou o preconceito, deixando-as à margem da sociedade, negando-lhes o acesso a direitos básicos, como saúde e educação. Isso se desdobra no imaginário popular, que traduz a dominação de pensamentos ou ideias hegemônicas, como o modelo biomédico. Em contrapartida, as comunidades quilombolas vivenciam e compartilham saberes e práticas herdados de seus antepassados, permeados por elementos simbólicos e elementos materiais com significância cultural e de cuidado com a saúde (Santos *et al.*, 2023).

O aquilombamento é uma prática antiga e presente nas ex-colônias europeias, colocado por Ferdinand (2022), como um dos maiores símbolos de resistência, caracterizado por intensidades distintas, a depender da localidade e de seus participantes, tendo em comum a não aceitação da escravidão e a luta de resistência anticolonial. Os quilombos por toda a América Latina surgem como uma forma de transgressão ao sistema de escravismo instalado e expandem-se, sendo vistos, pelos senhores coloniais, como um contágio do mal (Gomes, 2015).

Ferdinand (2022) observa que no quilombo há o desenvolvimento de uma atitude defensiva da terra, na perspectiva decolonial, com quebra de conceitos escravagistas e ocidentais de exploração, sendo a autonomia territorial um dos desafios para a construção de uma ecologia quilombola, um território, espaço em construção.

A expansão dos territórios quilombolas e o ímpeto das conquistas de direitos sociais ainda se mostram contemporaneamente, principalmente após o marco da Constituição Federal de 1988, que a partir do Artigo 216 e do Artigo 68, garantiu a propriedade de títulos para os remanescentes de quilombos, tornando-os proprietários definitivos dos seus territórios, direito respaldado pelo Estado (Brasil, 1988).

A luta pela terra não se caracteriza somente pela busca do direito ao território no seu significado geográfico, mas como um componente fundamental para a preservação da identidade e de costumes étnicos vivenciados há décadas, que são transmitidos por gerações

por meio de vivências coletivas (Furtado; Pedroza; Alves, 2014). Tais costumes constituem saberes populares e tradicionais, além das manifestações por meio das danças, das músicas, dos artesanatos, pratos típicos. As plantas e ervas medicinais utilizadas no cuidado em saúde em comunidades tradicionais explicitam uma estreita relação dos povos tradicionais com o meio ambiente, com a natureza, além de falar sobre seus costumes e ancestralidade (Santos, 2014).

A presente pesquisa abordou o uso popular e comunitário de plantas medicinais, as quais chamamos de plantas quilombolas, utilizadas no cuidado em saúde no território quilombola de Acauã/RN. Como a comunidade encontra-se em um cenário rural, há forte presença de práticas populares de utilização de plantas medicinais, cuja origem do conhecimento associa-se aos saberes ancestrais e às trocas culturais. Destaca-se que a sistematização desse conhecimento está intimamente ligada à memória e à cultura da comunidade quilombola. A prática do uso das plantas medicinais tanto na cura física quanto espiritual faz parte das relações que comunidades tradicionais desenvolveram ao longo de séculos com a natureza e consigo mesmas. Os saberes e práticas de cuidado com a saúde, atrelados ao uso das plantas medicinais, dizem respeito à estreita relação existente entre aspectos socioculturais e ecológicos (Santos, 2014).

Ao lado do encontro de saberes e da ecologia de saberes e práticas, onde os conhecimentos e saberes científicos se aliam e dialogam respeitosamente com os saberes populares dos povos tradicionais, há a necessidade do debate sobre a decolonialidade, a contracolonização, com a crítica ao pensamento e às práticas espoliadoras e neoextrativistas (Carvalho, 2019).

Maldonado-Torres (2019) explica como se dá o processo do giro decolonial, no qual há a suspensão da lógica eurocêntrica. Para o autor, tal processo também passa por uma espécie de desapego estético, muito relacionado à mudança de pensamento; a decolonialidade possui relação direta com a “emergência do condenado como pensador, criador e ativista” (Maldonado-Torres, 2019, p. 46), em que a crítica decolonial encontra base em um corpo aberto, e é no giro estético decolonial que se associa a distância de signos da colonialidade como diferentes perspectivas da visão e sentido do mundo.

A pesquisa também aponta esses conceitos cujos objetivos confluem para dar voz aos que lutam e aos que constroem uma academia pautada nos saberes múltiplos, ou 'notórios saberes', como escreveu Carvalho (2019). Ressalta-se que os saberes tradicionais de saúde estão incluídos no Sistema Único de Saúde, como políticas públicas, a exemplo da Política Nacional de Educação Popular em Saúde e da Política das Práticas Integrativas e Complementares (PICS), que dão visibilidade às erveiras, rezadeiras, e ao uso popular da fitoterapia como uma alternativa possível de tratamento (Brasil, 2016). Em 2011, temos a Política Nacional de Saúde

Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF), pela qual comunidades do campo passaram a ter maior acesso ao SUS, especialmente por meio da Estratégia Saúde da Família, no atendimento cotidiano às necessidades individuais e coletivas das populações rurais e povos quilombolas (Santos *et al.*, 2023).

Este artigo, desse modo, traz a pesquisa-ação desenvolvida juntamente ao território quilombola de Acauã, localizado no município de Poço Branco, no Rio Grande do Norte, ao sistematizar as plantas quilombolas da comunidade, a partir das quais pode-se conhecer mais sobre os costumes de saúde e ver o encontro de saberes realizar-se. Utilizamos o fio condutor da etnofarmacologia, que consiste na combinação de conhecimentos de comunidades tradicionais com os estudos farmacológicos, um ramo específico das ciências da saúde voltado ao estudo do uso terapêutico das plantas em determinadas sociedades (Fernandes *et al.*, 2019).

Método

Cenário da pesquisa-ação

O cenário escolhido para a pesquisa foi a comunidade quilombola de Acauã, que está localizada no município de Poço Branco, no agreste do Rio Grande do Norte, a 63 km de Natal/RN. Há cerca de 50 casas, também uma sede da Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã (AMQA) e uma Escola Municipal (Arguedas, 2014). Esta comunidade é composta por pouco mais de 300 pessoas (em torno de 60 unidades familiares), onde uma das características mais importantes e marcantes é o fato de seus membros compartilharem estreitos vínculos de parentesco (Arguedas, 2014). Em Acauã existe apenas uma escola multisseriada, nenhuma unidade de saúde e poucas opções de lazer, existindo assim a necessidade de deslocamento de cerca de quatro quilômetros para o centro da cidade de Poço Branco.

É neste território que habita e pulsa a singularidade das narrativas de crianças, jovens e adultos, um lugar permeado por vontades e desejos, por cidadania e política. Ou seja, a territorialidade não traduz apenas uma relação com o meio: ela é uma relação triangular entre os atores sociais mediada pelo espaço. Ela também nos possibilita pensar nas concepções que esses sujeitos têm sobre as relações sociais, como o território é utilizado pelos povos tradicionais e sobre a preservação da memória e da cultura.

Esta comunidade, segundo Arguedas (2017), vivenciou um processo de construção etnopolítica articulando-se com outras comunidades quilombolas do Rio Grande do Norte para demarcação de suas terras pelo INCRA. A territorialidade quilombola em Acauã, além de

configurar-se por meio das atividades cotidianas de trabalho e reprodução material da vida (agricultura, pecuária, pesca, atividades domésticas, trabalhos remunerados fora da comunidade), está atravessada pela luta em busca do reconhecimento, com um forte conteúdo político-identitário antirracista.

Para Ferdinand (2022), o antirracismo e a crítica decolonial são as chaves para a luta ecologista. O autor aponta que é a partir do convés da justiça que se pode projetar no futuro um horizonte do mundo, um fazer-mundo, acompanhado pela interrupção das relações misóginas, de racismos e de injustiças sociais, um navio-mundo movido pelas lutas do ontem e do hoje, permitindo desenhar o horizonte de um novo amanhã.

Grupos focais

A pesquisa foi realizada a partir de encontros com lideranças comunitárias, mulheres e jovens quilombolas de Acauã na AMQA, por meio do desenvolvimento de grupos focais, entre novembro de 2022 e abril de 2023, tendo a questão da saúde e dos saberes tradicionais populares como norteadores do grupo.

O grupo focal consiste em uma técnica de pesquisa que utiliza materiais de estímulo, comumente dinâmicos, para fomentar e sustentar discussões em grupo, que permitam o intercâmbio de saberes e experiências entre os participantes. Nesse sentido, valendo-se daqueles materiais, foram realizadas, inicialmente, perguntas norteadoras e, a seguir, houve o aprofundamento, direcionando os grupos para o foco da pesquisa (Prates *et al.*, 2015). De acordo com Backes *et al.* (2011), o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados e fonte que intensifica o acesso às informações acerca de um fenômeno, seja pela possibilidade de gerar novas concepções ou pela análise e problematização de uma ideia em profundidade. Desenvolve-se a partir de uma perspectiva dialética, na qual o grupo possui objetivos comuns e seus participantes procuram abordá-los trabalhando como uma equipe. Nessa concepção, há uma intencionalidade de sensibilizar os participantes para operar na transformação da realidade de modo crítico e criativo.

No primeiro grupo focal, realizado com jovens e mulheres quilombolas, foi discutido quais eram as demandas e as potencialidades que eles enxergavam na comunidade, um dos pontos que mais chamou atenção foram os saberes ancestrais, repassados entre as gerações. Na reunião seguinte foi realizada uma dinâmica nomeada de mapeamento cultural, a fim de compreender quais saberes populares em saúde mais se faziam presentes em Acauã. Como resultado, as plantas quilombolas e seus usos medicinais se destacaram e foram citados

inúmeros exemplos de uso, sendo um dos produtos da pesquisa-ação: a sistematização de plantas quilombolas e de costumes de saúde, que serão expostos posteriormente na Tabela 1.

Os saberes populares intrínsecos às comunidades tradicionais, como os quilombos, se caracterizam como constituintes das relações sociais, de transmissão do conhecimento ancestral entre as gerações e da afirmação da identidade por meio de vivências cotidianas. Destaca-se que o uso das plantas medicinais e da fitoterapia está inserida nas PICS (Brasil, 2016), ofertadas pelo SUS como forma de promoção e recuperação da saúde.

A partir dos grupos focais, os participantes da pesquisa-ação levantaram na comunidade as plantas e ervas medicinais utilizadas, através de conversas com os familiares mais velhos, registrando em fotografias e em desenhos as plantas quilombolas. Pudemos, a partir disso, organizar e sistematizar uma planilha com os dados levantados e projetamos a possibilidade de criação de um pequeno herbário das plantas de Acauã.

Identificação e sistematização das plantas quilombolas

Para realizar a identificação das plantas, foi solicitado que utilizassem o aplicativo *PlantNet*, o qual permite reconhecer espécies de plantas por meio de fotos da flor, fruto, folha, metodologia que permite maior engajamento e motivação de jovens em processos de aprendizagem sobre plantas, com utilização de dispositivos virtuais e recursos tecnológicos (Kraleva, 2016).

Feito isso, foi solicitado o registro em fotografias pelo celular das plantas encontradas, ou em desenhos. Também foram observados costumes de saúde mediados pelo encontro de saberes.

Com a experiência de sistematização, realizamos a organização da planilha com as plantas quilombolas e sua interface com a literatura científica. Assim, listamos 22 plantas, conforme Tabela 1, organizadas em quatro colunas: nome popular das plantas quilombolas de Acauã/RN, nome científico, utilidade relatada (pelos moradores) e utilidades adicionais a partir da literatura.

A presente pesquisa teve parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa, segundo a Resolução 466/2012-CNS, pelo CEP/UFRN número do parecer: 5.986.889/2023, e anuênciados participantes envolvidos.

Resultados e Discussão

De acordo com a história oral relatada por Arguedas (2017), a fundação do quilombo de Acauã se deu a partir de José Acauã, ou Zé Cunhã, uma pessoa escravizada fugida dos engenhos de Ceará-Mirim que encontrou a localidade inabitada. Ele encontrou na região atual de Acauã um espaço propício para desenvolver agricultura e sua sobrevivência. Com o passar do tempo, após a chegada de José Acauã, outros escravizados foram compondo o território que crescia em meio ao medo da escravidão e à esperança em se tornar lugar de resistência, um quilombo.

Atualmente a comunidade quilombola de Acauã é formada por famílias que foram afetadas pela construção da barragem da cidade de Poço Branco/RN, tendo sua construção deliberada em meados de 1950 e concluída no ano de 1969. Com a conclusão da barragem, se fez necessário a remoção da comunidade ribeirinha do Rio Ceará-Mirim, em virtude do grande volume da barragem, essas famílias foram realocadas para cerca de 1Km do seu espaço de origem. A comunidade se reconheceu quilombola perante a Fundação Cultural Palmares (FCP), e requereu o reconhecimento institucional em 24 de agosto de 2004. Iniciava-se, assim, o processo de regularização das terras tradicionais (Arguedas, 2017).

O aquilombamento, como prática de resistência ecológica e política, ultrapassa as barreiras históricas da escravidão colonial, indicando, além da recusa à exploração, uma nova maneira de habitar a Terra. O enfrentamento à crise ecológica global, implica outras escritas de mundo e uma literatura com narrativas-florestas em que todos encontrem uma árvore sob a qual se abrigar (Ferdinand, 2022). O que acontece com a Terra, com os solos, com as águas e com as florestas repercute no próprio corpo dos humanos, assim como em suas condições de vida sociais e políticas, e vice-versa. O solo colonial e os corpos dos escravizados confundem-se em uma única Terra-Negra subjugada pelo colonialismo. Manter juntos ambientalismo, anticolonialismo e luta antirracista é, pois, a missão de uma ecologia decolonial.

Tendo isso em vista, destaca-se o protagonismo da comunidade e o interesse dos jovens e das mulheres da comunidade no desenvolvimento em colaborar com a pesquisa-ação, uma vez que os grupos focais foram construídos coletivamente. Os principais atores da catalogação e sistematização das plantas medicinais foram os jovens quilombolas, sementes para a transformação e construção de uma ecologia decolonial. A Tabela 1 apresenta as plantas quilombolas da comunidade de Acauã/RN, além do respectivo nome científico, utilidade terapêutica relatada e usos adicionais a partir da literatura.

Tabela 1 – Plantas quilombolas da comunidade de Acauã, Poço Branco, Rio Grande do Norte, 2023

Plantas quilombolas	Nome científico	Utilidade relatada	Usos adicionais a partir da literatura
Agrião	<i>Nasturtium Officinale</i>	Tratamento de gripe, controlar os hormônios, prevenir doenças cardíacas, reduzir pressão arterial, prevenir anemia, fortalecer os ossos e músculos e combate ao câncer.	Propriedades descongestionantes, digestivas, diuréticas e antioxidantes, estimula a produção de enzimas digestivas e melhora o fluxo da bile, ajuda a prevenir infecções respiratórias, urinárias, anemia, inflamações, pressão arterial elevada e ajuda na saúde da pele e na saúde dos ossos.
Alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i>	Tratamento de sinusite.	Alívio das dores de cabeça, é digestivo e combate ao cansaço.
Ameixa	<i>Prunus subg. Prunus</i>	Tratamento de gastrite e corrimentos, também se utiliza (caule em pó) para cicatrização.	Ajuda na baixa de glicose e colesterol, prevenção de anemia e auxílio na perda de peso.
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Alívio de cólicas e dores de ouvido.	Ações anti-inflamatórias e circulatórias.
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Benéfica para cicatrização, aliviar prisão de ventre e prevenir cáries. Também se utiliza para beleza.	Ações inseticidas, aromáticas, imunoestimulante, antimicrobiana, antiviral e anti-inflamatórias.
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i>	Tratamento de rinite e sinusite (uso não indicado para gestante, por ser abortivo).	Funções expectorantes e anti-inflamatórias.
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	Alívio do estresse e fortalecimento da mente.	Alívio de distúrbios gastrointestinais, como dores e úlceras.
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Digestão e o combate a gripes, também serve como calmante.	Auxílio no tratamento da hipertensão arterial, efeitos calmantes, antiespasmolítico, analgésico e ação conjunta boa a antibióticos.

Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Melhora a qualidade do sono, ajuda em aliviar a ansiedade e ainda a controla problemas digestivos, agindo na diminuição de cólicas e gases.	Tem efeito calmante, propriedades anti-inflamatórias, ajuda na digestão e no alívio de desconfortos gastrointestinais, possui propriedades antioxidantes e antivirais que pode ajudar contra surtos de herpes.
Folha de laranja	Laranja: <i>Citrus x sinensis</i>	Propriedades semelhantes à camomila de diminuir o estresse (chá).	Benéfico para diminuir insônia, estresse e ansiedade.
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>	Alívio da dor de barriga.	Auxilia digestão, prevenção de diarreias e dores estomacais.
Jurema	<i>Mimosa tenuiflora</i>	Tratamento de queimaduras e efeito alucinógeno (chá).	Efeito antimicrobiano, analgésico e regenerador.
Laranja amarga	<i>Citrus x aurantium</i>	Ações digestivas.	Ações febrifúgicas, antirreumáticas, antissépticas e antiescorbúticas.
Limão	<i>Citrus Limon</i>	Controla pressão arterial, protege os vasos sanguíneos, fortalece o sistema imune, combate anemia e as folhas agem como calmante suave.	Fonte de vitamina C, ação alcalinizante melhorando a acidez do intestino, ajuda a prevenir infecções, propriedades antioxidantes, ajuda na anemia, hipertensão, resfriados e gripes.
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	Alívio da dor de barriga, além da utilização para temperos. Pode ser usado inteiro, seco ou fresco ou moído.	Propriedades anti-inflamatórias, diuréticas e analgésicas.
Margaridão	<i>Tithonia diversifolia</i>	Previne as sensações causadas pela abstinência de agentes químicos.	Anti-inflamatório, antioxidante, usada para tratar malária, ajuda a diminuir danos hepáticos causados por químicos, tratamento de feridas e dores e redução de açúcar no sangue, entretanto essa planta ainda está passando por mais testes para

			confirmação desses benefícios e seu uso pode gerar efeitos colaterais.
Mel com limão	<i>Citrus limon</i>	Benéfico para crises de garganta.	Combate a gripes, tosses e resfriados.
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i>	Aliviar efeitos da diabetes, tratar estômago, trata problemas respiratórios e de pele, além de reumatismo.	Ajudam na sensibilidade à insulina e diminui a absorção de glicose, ajuda no colesterol alto, na saúde da pele e possui propriedades anti-inflamatórias e antioxidantes.
Muricí	<i>Byrsonima crassifolia</i>	Alívio da dor de barriga.	Combate a tosse e bronquite, além do tratamento de diarreias.
Pinhão-roxo	<i>Jatropha gossypiifolia L.</i>	O leite (seiva) é cicatrizante. É também utilizado para benzer feridas da alma. Trata dor de cabeça.	Tratamento de reumatismo, úlceras, hipertensão, dentre outros.
Romã	<i>Punica granatum</i>	Ajuda a melhorar o sistema imunológico, cujo chá também melhora a saúde da garganta. A casca da romã é rica em antioxidantes, anti-inflamatórios e ajuda a prevenir agravos cardiovasculares.	Ajuda a preservar danos nos vasos sanguíneos e inflamações, o suco pode ajudar a diminuir a hipertensão, ajuda o sistema imunológico por ser rico em vitamina C, possui propriedades anti-inflamatórias, diminui o estresse e aumenta a oxigenação do cérebro.
Xanana	<i>Turnera Subulata</i>	Tratamento de asma.	Tratamento de bronquite, propriedades antidepressivas e digestão.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da Enciclopédia das Plantas Medicinais (2020).

A tabela 1 apresentada evidencia a sistematização de 22 plantas quilombolas medicinais, costumes e utilização terapêutica, da comunidade de Acauã, baseada em costumes tradicionais e saberes ancestrais em diálogo com saberes científicos.

O saber tradicional apresenta concepções culturais demonstradas pelo uso de elementos da natureza nas práticas cotidianas. Esse saber se relaciona empiricamente com a saúde, frente à necessidade de resolver problemas diários, resultando em convicções e crenças

compartilhadas de forma intergeracional. Os povos quilombolas apresentam relevante conhecimento sobre as plantas e seu uso medicinal, as quais têm a propriedade de contribuir para gerar reações benéficas no organismo humano. Isso foi evidenciado pela descrição do uso de chás, folhas e ervas para tratar doenças e agravos, controlando sinais e sintomas, sugerindo que, mesmo sem conhecer os princípios ativos, as quilombolas utilizavam as plantas para se sentirem mais saudáveis. Em vista disso, a fitoterapia é uma das primeiras medidas de tratamento que empregavam para resolver problemas de saúde (Santos *et al.*, 2023).

Freire discute que os quilombos foram um momento exemplar para um aprendizado de rebeldia, de reinvenção da vida, de assumir a existência e a história das escravizadas e escravizados que, da ‘obediência necessária’, partiram em busca da invenção da liberdade (Freire, 1967). Freire (1967), contrário à educação alienante e massificadora, aponta como horizonte a educação como prática de liberdade, ou seja, uma educação em que o homem/mulher-sujeito é o foco, e possui caráter descolonizador. Nesse sentido, emerge a necessidade da construção de um saber democrático, que alia o encontro de saberes, citado por Carvalho (2019), e o complementa atemporalmente. Freire (1967) refere-se, ainda, a uma educação que levasse o homem, a mulher, a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço, no conceito do “eu me maravilho” (Freire, 1967, p. 93) ao invés da exclusividade de reproduzir, com contínua mudança nas ações e atitudes.

Além disso, no sentido de preservar os saberes sobre as plantas medicinais locais e usando o conhecimento sobre elas para estimular a preservação ambiental, Ruppelt (2022) observa que plantas são usadas há séculos pelas comunidades tradicionais e têm sido, muitas vezes, o único recurso terapêutico acessível à população. Com isso, a autora discute que deve ser fortalecido o uso sustentável desses recursos na comunidade, transformando-os em elementos estratégicos para a preservação e conservação da flora, ao gerar oportunidades de uso na vida dos quilombolas de Acauã.

Dessa forma, emerge a necessidade de restabelecer a relação do ser humano e seu pertencimento ao meio ambiente, fortalecendo vínculos com a natureza e equilíbrios biossociais na função homem-ambiente, juntamente com a educação ambiental, formando o sujeito ecológico (Ruppelt, 2022).

Nessa perspectiva, a sistematização das plantas quilombolas contribui para sua utilização adequada com fins terapêuticos pela população em geral, sendo selecionadas devido à sua eficácia empírica, baseada na tradição popular, como Lorenzi e Matos (2008) enfatizam. Ademais, concebe-se a possibilidade de associação entre o uso dos recursos naturais e os empreendimentos solidários, para geração de renda, podendo gerar produtos para

Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 23, n. 3, p. 109-124, set.-dez. 2024.

comercialização, influenciando no desenvolvimento econômico e social da comunidade (Lima; Scariot; Sevilha, 2012).

Foi possível verificar também perspectivas diferenciadas entre gênero e idade e a relação com o saber tradicional e o uso das plantas e ervas medicinais. Durante os encontros, as mulheres mais velhas da comunidade tinham maior conhecimento de como utilizar as plantas quilombolas para fazer lambedores e chás, evidenciando que a idade é uma variável comumente associada ao saber tradicional, como apontam estudos sobre saberes intergeracionais e conhecimento sobre plantas tradicionais (Lima; Scariot; Sevilha, 2012).

Experiências comunitárias apontam o papel das mulheres na preservação da memória sobre o conhecimento de plantas e ervas medicinais, alimentares, herbáceas e exóticas (Voeks, 2007). Isso vai de encontro com um estudo etnobotânico que analisa a relação entre comunitários e o conhecimento tradicional sobre os recursos vegetais, sugerindo a implementação de práticas educativas que favoreçam a disseminação dos conhecimentos sobre as plantas e suas potencialidades para a população mais jovem (Prado *et al.*, 2019).

As plantas medicinais representam grande fonte de recursos capazes de fornecer elementos para a inovação tecnológica no âmbito da promoção, proteção, prevenção, assistência e reabilitação em saúde, além de serem transdisciplinares nas áreas da educação, educação ambiental e vigilância em saúde (Knierim *et al.*, 2022).

Os resultados deste estudo apontam a necessidade de discutir e fortalecer as políticas públicas voltadas à saúde dos povos e populações do campo, das águas e das florestas, nos diferentes contextos geográficos e territoriais, corroborando a importância de fortalecer esforços para valorizar e melhor compreender o tema, no intuito de repensar as práticas interprofissionais do cuidado à saúde, sobretudo no âmbito sociocultural das comunidades quilombolas. Dessa maneira, é necessário investir no desenvolvimento de outras pesquisas que auxiliem a entender outros aspectos não abordados. Ademais, é importante que gestores e equipes de saúde compreendam as nuances históricas e da cultura local, pois, juntas, contribuem para o bem-viver no território vivo.

Considerações finais

Destacamos o papel da pesquisa-ação como fundamental para criar uma relação horizontal entre comunidades, cidadãos, estudantes e Universidade. Lugar de oportunizar, democratizar e refletir sobre os conhecimentos que estão sendo desenvolvidos dentro da academia e para além dela principalmente. A pluralidade de saberes e a rede colaborativa de

práticas *in loco* fortalecem vínculos, seja para o desenvolvimento comunitário, seja para a construção de processos de aprendizagem coletiva. Pensando nos aspectos dialógicos, podemos colaborar com a comunidade quilombola na sistematização dos saberes sobre as plantas quilombolas que remontam ao cuidado com o território e à preservação da memória ancestral.

Para além de espaço geográfico, o território constitui-se de memórias e de histórias, de sujeitos e coletivos com características singulares, com múltiplos saberes e práticas, como o território quilombola de Acauã, evidenciado neste estudo. Em diálogo com Ferdinand (2022), o quilombola mostra outra relação com a natureza, marcada por um desejo de mundo. Diante dos louvores de sua resistência, o quilombola aponta a prática ecologista como condição da emancipação. O autor descreve que o vigor das correntes quebradas e das longas corridas realizadas pelos escravizados caminharam junto à paciência dos inhames plantados e das florestas adentradas. Os quilombolas colocaram em ação as primeiras utopias anticoloniais e antiescravistas modernas, mostrando que por meio do cuidado e do amor dedicados à Mãe Terra é possível redescobrirem seus corpos, sua humanidade e emancipar-se.

Referências

ARGUEDAS, A. Identidade étnica, movimento social e lutas pelo território em comunidades quilombolas: o caso de Acauã (RN). **Geographia**, Niterói, v. 19, n. 39, p. 70-84, 2017. DOI 10.22409/GEOgraphia2017.v19i39.a13787. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13787>. Acesso em: 22 jun. 2023.

ARGUEDAS, A. **Território para viver**: dinâmicas territoriais da comunidade quilombola de Acauã, Poço Branco, Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/19941>. Acesso em: 23 nov. 2023.

BACKES, D. *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 35, n. 4, 438-442, 2011. Disponível em: https://bvs.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf. Acesso em: 24 nov. 2023.

BRASIL. BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.

CARVALHO, J. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. *In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-*

TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 79-106.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERNANDES, B. *et al.* Estudo Etnofarmacológico das Plantas Medicinais com presença de saponinas e sua importância medicinal. **Revista da Saúde da AJES**, Juína, v. 5, n. 9, p. 16-22, 2019. Disponível em: <https://revista.ajes.edu.br/index.php/sajes/article/view/302>. Acesso em: 5 set. 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FURTADO, M.; PEDROZA, R.; ALVES, C. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 26, n. 1, p. 106-115, 2014. DOI 10.1590/S0102-71822014000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/7m7spDq5Xm6vNYFqmh89X7g/#>. Acesso em: 23 set. 2023.

GOMES, F. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

KNIERIM, G. *et al.* Cultivo Biodinâmico de Plantas Medicinais em Agroflorestas na Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis: uma proposta pedagógica de formação-ação. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, p. 149-162, 2022. DOI 10.1590/0103-11042022E210. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/4pZBpmg7ndzxW7PDNJyS7bg/>. Acesso em: 22 set. 2023.

KRALEVA, R. *et al.* Investigating the opportunities of using mobile learning by young children in Bulgaria. **International Journal of Computer Science and Information Security**, Pittsburgh, v. 14, n. 4, p. 51-55, 2016. DOI 10.6084/m9.figshare.3362194.v1. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/302026046_Investigating_the_opportunities_of_using_mobile_learning_by_young_children_in_Bulgaria. Acesso em: 23 set. 2023.

LIMA, I.; SCARIOT, A.; SEVILHA, A. Diversidade e uso de plantas do Cerrado em comunidade de Geraizeiros no norte do estado de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 675-684, 2012. DOI 10.1590/S0102-33062012000300017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/8tB9fxdGMPfGxQdQ9btDYtK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2023.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas**. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-55

PRADO, A. *et al.* Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 70, p. 1-10, 2019. DOI 10.1590/2175-7860201970019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rod/a/TMYVKp63MHGXCLqFhk8Sw8q/>. Acesso em: 23 set. 2023.

PRATES, L. *et al.* A utilização da técnica de grupo focal: um estudo com mulheres quilombolas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 12, p. 2483-2492, 2015. DOI 10.1590/0102-311X00006715. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/vXWsyfjCbmCs88Y4XGZXhhS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2023.

RUPPELT, B. M. Plantas medicinais nativas brasileiras: por que conservar e preservar? **Fitos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 154-155, 2022. DOI 10.32712/2446-4775.2022.1482. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/1482>. Acesso em: 23 set. 2023.

SANTOS, F. *et al.* Knowledge and practices about health among *quilombola* men: contributions to health care. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 76, p. 1-9, 2023. DOI 10.1590/0034-7167-2023-0138. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Mm7Zm5tWPB4K4wV56tY97Tg/?lang=en>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SANTOS, L. M. M. Ecologia de saberes: a experiência do diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional na comunidade quilombola da Rocinha. **Tempus: Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 243-256, 2014. DOI 10.18569/tempus.v8i2.1522. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1522>. Acesso em: 4 nov. 2023.

VOEKS, R. A. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. **Singapore Journal of Tropical Geography**, Singapura, v. 28, n. 1, p. 7-20, 2007. DOI 10.1111/j.1467-9493.2006.00273.x. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/227658057_Are_women_reservoirs_of_traditional_plant_knowledge_Gender_Ethnobotany_and_globalization_in_northeast_Brazil. Acesso em: 4 nov. 2023.

Submetido em 21 de abril de 2024.

Aprovado em 5 de junho de 2024.